

O HOMEM QUE QUERIA AJUDAR A HUNGRIA

A comovente história de um jovem
pacato que não pôde assistir impassível enquanto
a Rússia Soviética massacrava um povo valente

Harold H. Martin



EM FRENTE AO edifício das Nações Unidas, em Nova York, onde as bandeiras das nações-membros tremulavam ao vento frio, o povo passava lentamente. Alguns ostentavam pequenas fitas listadas de vermelho, branco e verde, as côres da bandeira da Hungria. Outros levavam cartazes proclamando o desejo de liberdade da Hungria. Em dado momento os manifestantes começaram a cantar o hino nacional húngaro, uma canção lenta e triste, cuja última estrofe começava:

Piedade, Senhor, dêste povo
Abalado pela guerra.
Antes que o mal a afogue,
Salvai, Senhor, nossa terra!

John Richardson, Jr., e sua filha Teren, de dez anos, estavam no meio da multidão olhando. Eles tinham

vindo de sua casa num subúrbio próximo naquela tarde de domingo, e assistido a uma sessão do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Enquanto as vozes estrepitavam nos seus fones Richardson explicava à filha que um russo estava dizendo que a luta na Hungria não era da conta das Nações Unidas. O Sr. Lodge, representante americano, respondera que o que acontecia na Hungria dizia respeito a todo o mundo livre. Depois, quando ouviram o povo cantar seu hino suplicante em frente ao edifício, Teren sentiu a mão do pai apertar a sua com tanta força que chegou a doer.

Naquela noite, sozinho em sua sala de estar, John Richardson, um homem de 35 anos, pacato e trabalhador, sócio de uma conceituada firma bancária e de investimentos em Wall Street, procurava pôr em ordem seus pensamentos perturbados. Ele não conseguia explicar a funda emoção que o dominara súbitamente quando ouvira o povo cantar. Lembrou-se

de umas férias da Universidade de Harvard, quando trabalhara num acampamento quacre e absorvera as suas doutrinas pacíficas de amor e fraternidade. Mas o amor e a fraternidade não conseguiram salvar o mundo da guerra. E há 11 anos êle estava saltando de pára-quadras na Alemanha, com os obuses da artilharia aerotransportada despejando fogo em volta dêle.

Com a lembrança da batalha, sua mente clareou. Em Budapeste, homens enfrentavam tanques soviéticos com garrafas de gasolina e atacavam carabineiros a pedradas. Êles precisavam de tôda a espécie de ajuda que o mundo livre pudesse proporcionar—dinheiro, víveres, vestuário. Mas acima de tudo precisavam de armas. Onde, porém, um bancário de Nova York poderia encontrar armas e mais os aviões e os pilotos que as transportassem para a Hungria? Richardson não sabia . . . mas sabia que tinha de procurar uma solução.

Quando chegou ao escritório na segunda-feira de manhã, encontrou a mesa alta de trabalho. Começou a atacá-lo, mas logo viu-se de olhos parados, olhando pela janela. Às dez horas êle afastou os papéis para um lado e pediu uma ligação para a Comissão de Socorro Internacional. Uma voz de mulher atendeu. Richardson disse quem era e foi direito ao ponto. Que estava a Comissão fazendo relativamente a armas para a Hungria? Houve uma longa pausa, depois a voz explicou que a Comissão

era apenas um órgão de socorro, destinada a encontrar refúgio em outros países para vítimas de agressão; fôra autorizada pelo Govêno Americano a funcionar no estrangeiro como agência de socorro, e assim não podia envolver-se com armas; mas se Richardson queria mesmo ajudar, havia outra maneira.

Refugiados húngaros estavam atravessando as fronteiras da Áustria aos milhares, alguns feridos, muitos doentes. Viena fazia apelos desesperados pedindo antibióticos. Naquela noite, Angier Biddle Duke, diretor da Comissão de Socorro Internacional, embarcaria para a Áustria. Se John contribuísse até mesmo com um pacote de drogas, isso seria para os húngaros um símbolo de que os Estados Unidos não os haviam esquecido.

O primeiro impulso de John Richardson foi recusar. Êle nada sabia de antibióticos. E mandar uma pílula para um combatente, quando êle precisava de uma granada, até parecia zombaria. Foi aí que êle se lembrou de que havia lido o seguinte há muitos anos: “Eu sou um só, mas sou uma pessoa; não posso fazer tudo, mas posso fazer alguma coisa; e não me recusarei a fazer essa alguma coisa que posso fazer.”

—Está bem—disse êle.—Vou tentar.

Lembrou-se de que, ao passar no elevador todos os dias, via no 12.º andar um cartaz que falava de drogas e produtos químicos. Minutos depois êle entrava na sala de recep-

ção dos escritórios internacionais de Charles Pfizer & Co. A recepcionista arregalou os olhos de espanto quando êle perguntou se aquela firma fabricava penicilina. A Pfizer, disse ela, era a maior fabricante de antibióticos do mundo. Richardson conversou com o Sr. Metelski, do departamento de exportação da Pfizer. O Sr. Metelski ficou pensativo. Perguntou se o Departamento de Estado aprovara o embarque de medicamentos para a Hungria.

—Falei com o Sr. Dulles pessoalmente—disse Richardson.

Era verdade. Anos antes, quando deixara a Escola de Direito de Harvard, êle trabalhara para a firma do Sr. Dulles e freqüentemente o cumprimentava quando se encontravam no elevador. Depois disso não vira mais o Sr. Dulles.

—Sendo assim...—disse o Sr. Metelski.

Uma vez que o Sr. Dulles aprovara, êles agora precisavam falar com o Sr. Gaillard, chefe da seção de exportações para a Europa da Pfizer, e o Sr. Gaillard, por sua vez, levou Richardson ao Sr. C. R. Smith, o tesoureiro.

Smith ouviu Richardson, depois falou com John McKean, presidente da Pfizer, pelo telefone. Quando desligou, disse a Richardson:

—O depósito começará a encaixotar imediatamente. Mandaremos entregar os medicamentos no avião. Provavelmente será a Terramicina, um bom antibiótico para emprêgo geral. Mas será apenas um embar-

que simbólico—uns 7.500 dólares.

Para Richardson parecia todo o antibiótico do mundo. Êle gaguejou agradecimentos e disse que haveria repórteres e fotógrafos no aeroporto. Smith disse que não queria publicidade. A Pfizer queria apenas contribuir.

De volta a seu escritório, um pouco tonto ainda, Richardson ligou para a Pan American Airways perguntando se êles transportariam os medicamentos de graça. A PAA disse que sim, se êle arranjasse licença de embarque com o Departamento de Estado, com a Alfândega e com o Govêrno Austríaco. Com a ajuda da Comissão de Socorro Internacional, mais alguns telefonemas resolveram a questão.

—Foi então que eu senti o quanto o povo americano estava tocado pelo que se passava na Hungria—disse Richardson mais tarde.—Todo o mundo parecia contente de saber que havia um jeito de ajudar.

Angier Duke embarcou naquela noite, mas John Richardson não estava presente. Êle estava ao telefone, falando com um colega de Harvard que trabalhava para a firma Merck, em Nova Jersey, pedindo-lhe mais medicamentos. Êsse colega prometeu ver o que poderia fazer. Mais tarde telefonou dizendo que a Merck contribuiria com 10.000 dólares em medicamentos.

Alguns dias depois a Sr.^a Anna Matson telefonou da Comissão de Socorro Internacional para dizer a Richardson o que fôra feito dos me-

dicamentos. Numa arriscada corrida de auto de Viena a Budapeste, Leo Cherne, presidente da Comissão, conseguiu convencer a soldados armados que o detiveram a deixá-lo passar e, enquanto tanques soviéticos atiravam nas ruas e franco-atiradores disparavam dos telhados, entregou os remédios ao Cardeal Mindszenty.

Agora, disse a Sr.^a Matson, havia mais uma coisa que Richardson poderia fazer. Entre os refugiados havia muitos bebês famintos. Não poderia êle conseguir alimentos para essas crianças? E alguma maneira de embarcá-los sem demora? Richardson não sabia onde arranjar alimentos para crianças, como não sabia antes onde encontrar antibióticos. Procurou então se lembrar dos rótulos das latas ao tempo em que seus filhos eram pequenos. Finalmente, lembrou-se: Gerber.

Do escritório da Gerber em Nova York sugeriram-lhe que falasse com a matriz em Fremont, Míchigan. Richardson ligou para Míchigan e falou com um vice-presidente, que disse precisar de consultar seus superiores, mas estava certo de que a companhia havia de querer contribuir. Pouco depois o vice-presidente informava que 1.100 quilos de alimentos para crianças seriam entregues no aeroporto mais próximo. Poderia Richardson tomar conta da mercadoria daí por diante?

Richardson ligou para a Capital Airlines. Disseram que estavam prontos a apanhar os volumes e transportá-los a Nova York naquela noite.

Mais uma vez Richardson consultou a Pan American Airways. A Pan American estava pronta a apanhar a carga em Nova York, mas no momento estava superlotada de medicamentos. Por que não experimentava a Swissair? Da Swissair responderam: Alimento para as crianças da Hungria? Claro, entregariam-no diretamente em Viena. Assim, em dois dias mais, de uma tonelada de alimentos para bebês foi transportada gratuitamente de um depósito em Míchigan para as crianças famintas refugiadas na Áustria.

Mas o que a PAA dissera a respeito de superlotação de medicamentos intrigou Richardson. Que medicamentos? Ligou para a Comissão de Socorro Internacional para perguntar à Sr.^a Matson. Ah, sim, disse ela. Estivera tão ocupada que não tivera tempo de lhe dizer. No dia seguinte àquele em que Richardson havia pedido à companhia Pfizer o embarque simbólico, o presidente decidira que a companhia fizesse tudo o que estivesse ao seu alcance para ajudar. Em conseqüência, estavam a caminho da Áustria uns 200.000 dólares de penicilina, Terramicina, estreptomina, Sigmamicina—tôda espécie de antibiótico antiinfecioso fabricado pela Pfizer. Além disso, outras companhias de produtos químicos e farmacêuticos—Merck, Upjohn, Lilly, Heyden Newport, White—estavam mandando vitaminas e medicamentos.

Uma vela, disse ela, havia acendido mil outras. Não poderia Richard-

son ir ao escritório da Comissão de Socorro Internacional para que ela e os voluntários que lá trabalhavam conhecessem o homem que acendera a primeira vela?

No escritório cheio de gente a mesa telefônica era uma árvore de Natal faiscante de luzes. Lá dentro, Richardson abria caminho entre malas postais empilhadas até à altura da cintura. Trabalhadores voluntários abriam milhares de cartas, retirando cheques e dinheiro. Enquanto êle e a Sr.^a Matson falavam, o telefone dela tocava incessantemente.

Uma senhora de Nova York informava que sua casa de Long Island estava vazia e que ela gostaria de pô-la à disposição de uma família de refugiados húngaros. Um estudante da Universidade de Vermont comunicava que havia vários milhares de dólares no fundo da Associação de Estudantes; como poderia êsse dinheiro ser utilizado em benefício dos húngaros? Richardson foi para casa aquela noite sentindo-se ao mesmo tempo ufano e humilde—humilde pela insignificância de sua contribuição própria; ufano pela maneira pela qual o povo acorrera em ajuda da Hungria. Cartas, telefonemas e dinheiro chegavam de todo o território dos Estados Unidos—uma vasta onda de indignação contra os soviéticos e de simpatia por suas vítimas.

Apesar de tudo isso, a dúvida ainda remordia a mente de Richardson. De que valiam a simpatia e a compaixão quando havia necessidade de armas? Na manhã seguinte, no es-

critório, uma voz de homem falou ao telefone. Estaria Mr. Richardson interessado em comprar umas chaminés? A princípio Richardson não entendeu, mas logo a gíria de soldado lhe veio à mente. Chaminé era bazuca. Respondeu que estava, e os dois desconhecidos combinaram almoçar juntos.

O homem era uma cavalheiro de meia-idade e instruído. Delineando seu plano, disse êle que por intermédio de seus contatos na Europa talvez pudesse obter bazucas e granadas e conseguir a sua remessa via aérea para a Hungria. Seriam precisos vários milhares de dólares. Se conseguissem o dinheiro . . .

Na tarde daquele mesmo dia Richardson tomou um trem para Washington e contou o seu plano a um homem que exercia alta função no Departamento de Estado. O homem abanou a cabeça.

—O seu plano só serviria para causar a morte de muitos húngaros. E ainda por cima colocaria a si e ao seu govêrno em situação delicada. Nem pense nisso.

Richardson ainda não se convenceu de haver agido bem quando desistiu de mandar armas para a Hungria. Para êle os húngaros lutavam por tudo aquilo em que os homens livres de tôda parte acreditam e pelo que estão dispostos a morrer. Em sua mente ficou gravado indelêvelmente o apêlo desesperado de uma estação de rádio não identificada da Hungria: "Povos civilizados do mundo, ouvi o nosso apêlo. Ajudai-nos,

não com conselhos, não com palavras, mas com atos, soldados e armas.”

É por isso que John Richardson fica embaraçado quando se lhe fala o que êle fêz. Richardson acha que êle e todo o mundo livre faltaram aos húngaros. Se os húngaros tivessem podido resistir um pouco mais, os povos de todos os países satélites poderiam ter explodido em revolta e derrubado a Cortina de Ferro, atrás da qual vivem em escravidão há uma década.

Se essa chama de revolta tivesse sido ateadada com a ajuda de fora, oficial ou particular, isso poderia ter

significado o fim da tirania soviética. E poderia ter sido também o comêço da paz pela qual os homens têm supplicado durante anos de mêdo, frustração e guerra fria.

Para John Richardson a primeira bomba improvisada que explodiu debaixo de um tanque soviético marcou um ponto de reversão. Por um momento, a porta da liberdade se abriu. Mas uma voz fria falou nas Nações Unidas, e a porta fechou-se violentamente, e a Hungria sentiu de novo o apêrto das cadeias comunistas, enquanto a indignação e a compaixão do mundo livre se dissolviam em palavras.

Apuros em Duplicata

OS PAIS de um casal de gêmeos de poucos meses de idade achavam que a menina de 12 anos da casa ao lado já era bastante crescida para poder ficar tomando conta dos bebês uma noite. A mãe dela não tinha certeza se ela servia melhor para tomar conta do que para tomarem conta dela, mas a garôta estava com tanta vontade que obteve consentimento, embora com relutância.

Quando a grande noite chegou, a mãe lhe deu cuidadosas instruções —principalmente sôbre como preparar as mamadeiras, uma para o menino e outra, diferente, para a menina.

—Se você tiver alguma dificuldade—disse ela—telefone para mim. Vou ficar aqui e posso ir lá imediatamente.

Uma hora se arrastou. Então o telefone tocou, e a mãe foi correndo atender

—Você está tendo dificuldade em preparar as mamadeiras?—perguntou ela.

—Não—respondeu a filha.—Já preparei as duas. Uma para o menino e outra para a menina.

—Então qual é o problema?

Houve um curto silêncio do outro lado. Depois:

—Mamãe, qual é o menino? —Bill Gold, em *Post and Times Herald* de Washington